



Ilustração da obra

de Sophia de Mello Breyner Andresen

FICHA TÉCNICA

Título: Ilustração da obra - "A Árvore" - de Sophia de Mello Breyner Andresen

Texto: "A Árvore" - de Sophia de Mello Breyner Andresen

Ilustração da Capa: Ana Silva (aluna do 8ºE)

Ilustrações: Adriana Leitão, Ana Nunes, Ana Franco, Ana Silva, Ana Carapito, Bruno Serôdio, Diogo Martinho, Gerson Fernandes, Gonçalo Pombo, Inês Carriço, Inês Soares, Joana Silva, Joana Moreno, João Costa, José Dias, Maria Bernardo, Mariana Serra, Miguel Fazendeiro, Miguel Rato, Miguel Robalo, Nicole Ascensão, Pedro Saraiva, Ricardo Silva, Rita Pereira, Rita Mateus, Ruben Antunes, Mariana Lázaro (alunos do 8ºE).

Coordenação: Manuela Alexandra Pereira e João Paulo Trigueiros

Design Gráfico: Manuela Alexandra Pereira

Escola Sec/3 Quinta das Palmeiras, Covilhã

INTRODUÇÃO

No âmbito do Estágio Pedagógico em Artes Visuais, a professora estagiária Manuela Alexandra Pereira, orientada pelo professor João Paulo Trigueiros, desenvolveu, na Unidade de Trabalho 3 – Comunicação Visual, da disciplina de Educação Visual, a Ilustração. Assim, optou-se por ilustrar um conto que já existisse e que fosse carente do ponto de vista da imagem. Escolheu-se, então a obra “A Árvore”, de Sophia de Mello Breyner Andresen.

Dividiu-se a obra em partes, por todos os alunos da turma.

A recepção da proposta de trabalho a desenvolver foi imediata e os alunos puseram mãos à obra, fizeram diversos estudos e por fim surgiram as respectivas ilustrações.

Foi com muito entusiasmo que os alunos do 8º E, da Escola Sec/3 Quinta das Palmeiras, elaboraram registos gráficos e cromáticos, utilizando técnicas mistas.

Este processo dinâmico resultou nesta compilação que agora se apresenta.

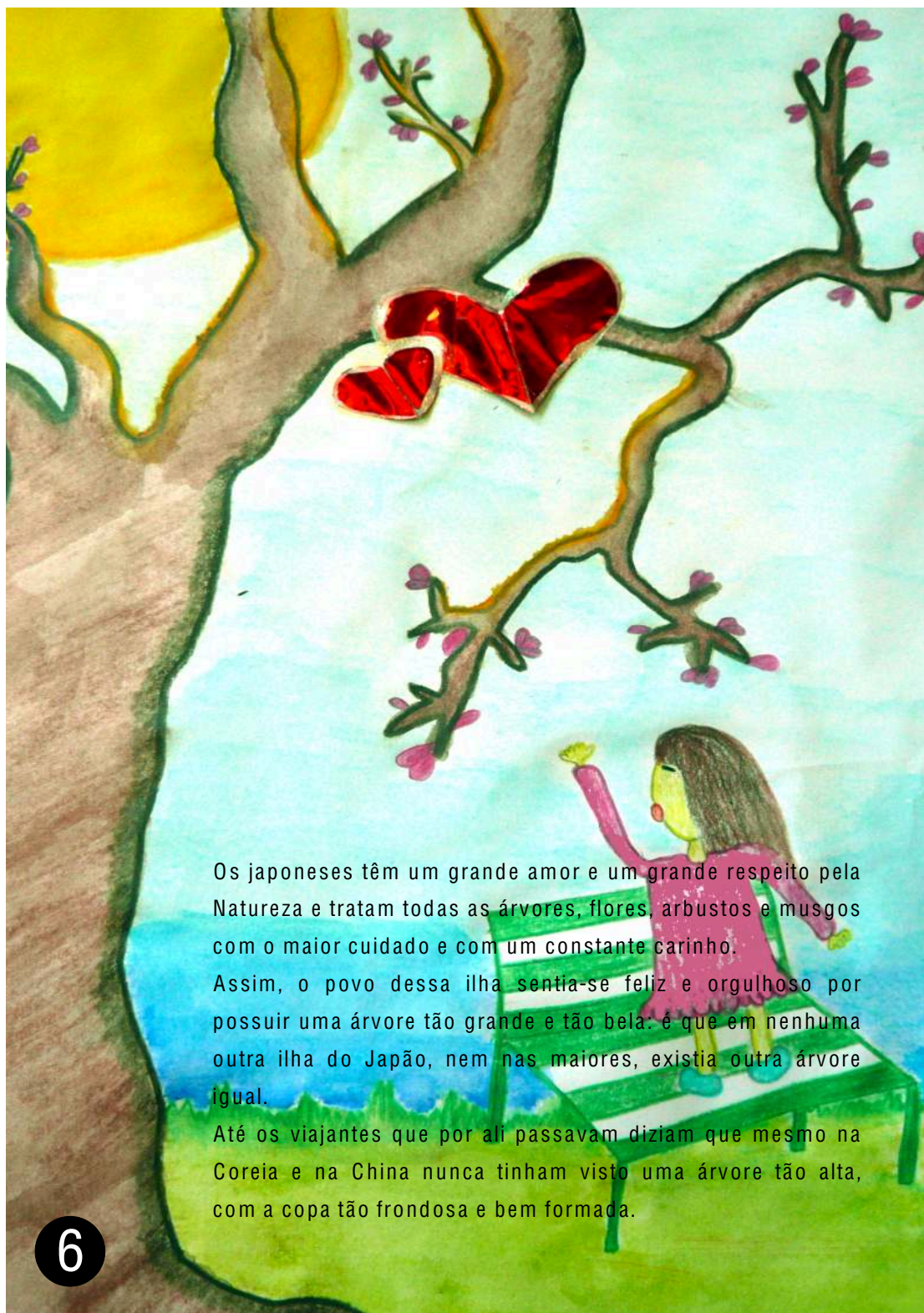
ÍNDICE - Autores Ilustrações:

Ana Silva (capa)

Adriana Leitão	5
Ana Nunes	6
Ana Franco	7
Ana Silva	8
Ana Carapito	9
Bruno Seródio	10
Diogo Martinho	11
Gerson Fernandes	12
Gonçalo Pombo	13
Inês Carriço	14
Inês Soares	15
Joana Silva	16
Joana Moreno	17
João Costa	18
José Dias	19
Maria Bernardo	20
Mariana Serra	21
Miguel Fazendeiro	22
Miguel Rato	23
Miguel Robalo	24
Nicole Ascensão	25
Pedro Saraiva	26
Ricardo Silva	27
Rita Pereira	28
Rita Mateus	29
Ruben Antunes	30
Mariana Lázaro	31
Miguel Rato	32

Era uma vez – em tempos muito antigos, no arquipélago do Japão – uma árvore enorme que crescia numa ilha muito pequenina.

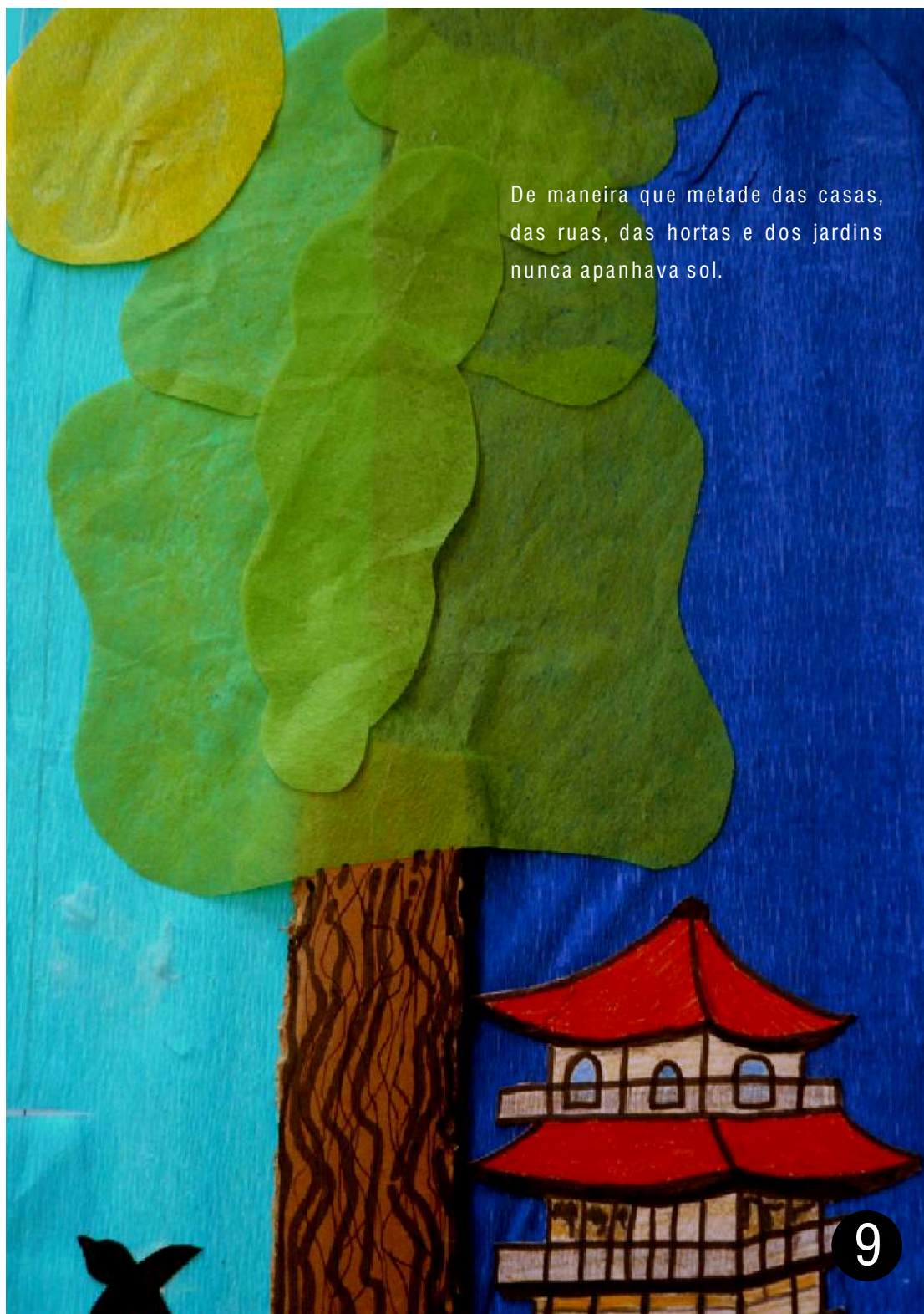




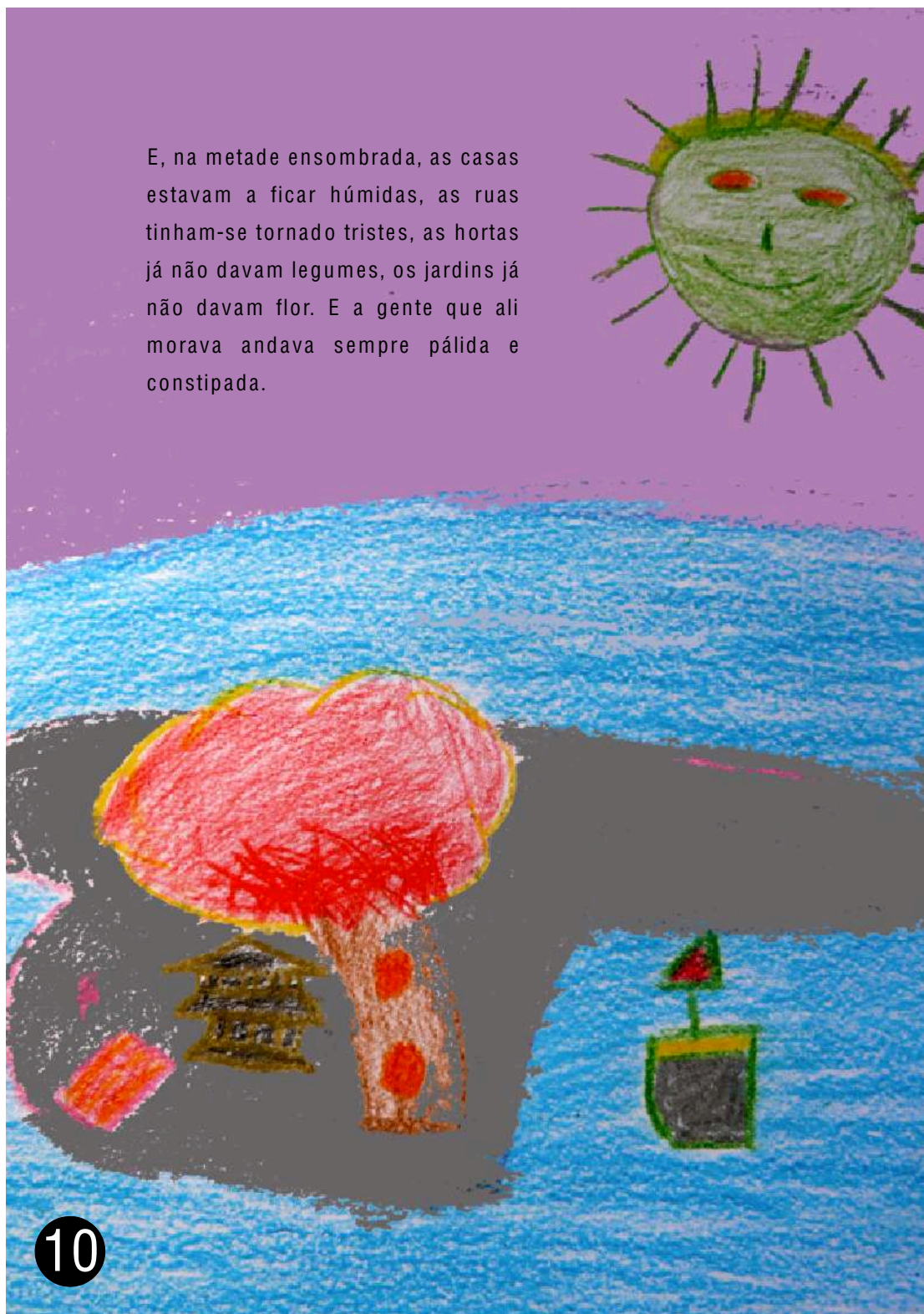
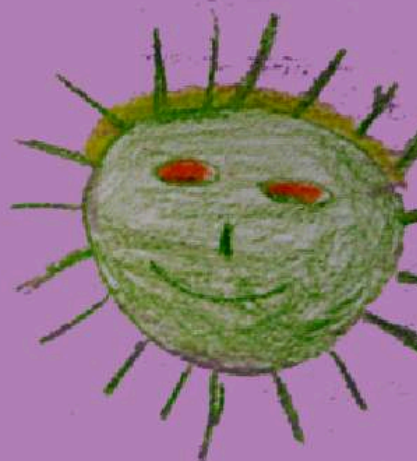
Os japoneses têm um grande amor e um grande respeito pela Natureza e tratam todas as árvores, flores, arbustos e musgos com o maior cuidado e com um constante carinho. Assim, o povo dessa ilha sentia-se feliz e orgulhoso por possuir uma árvore tão grande e tão bela: é que em nenhuma outra ilha do Japão, nem nas maiores, existia outra árvore igual. Até os viajantes que por ali passavam diziam que mesmo na Coreia e na China nunca tinham visto uma árvore tão alta, com a copa tão frondosa e bem formada.







E, na metade ensombrada, as casas estavam a ficar húmidas, as ruas tinham-se tornado tristes, as hortas já não davam legumes, os jardins já não davam flor. E a gente que ali morava andava sempre pálida e constipada.



10

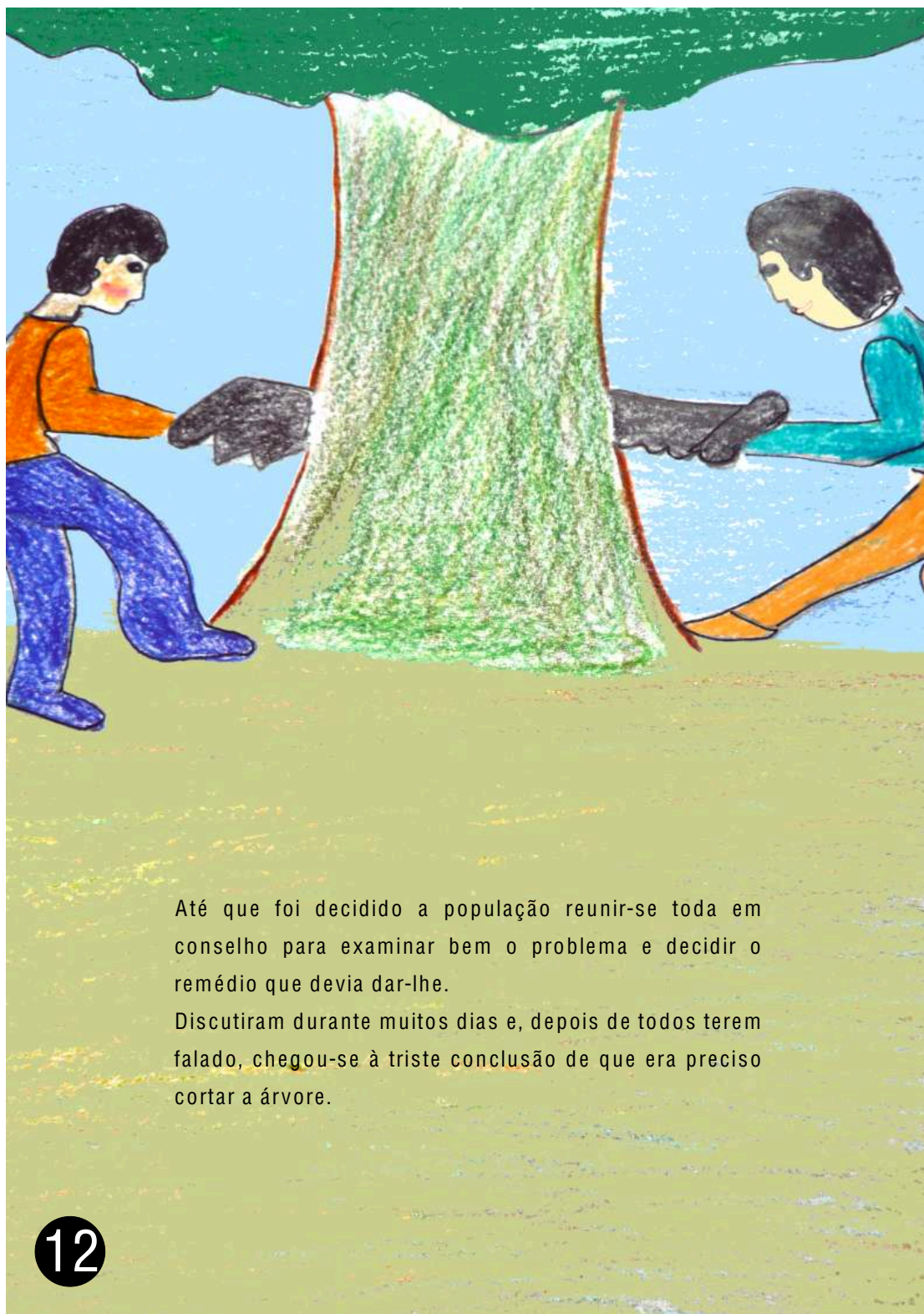


E, à medida que a sombra da árvore crescia, crescia também a perturbação.

As pessoas gemiam:

— Que havemos de fazer? Que havemos de fazer?

11



Até que foi decidido a população reunir-se toda em conselho para examinar bem o problema e decidir o remédio que devia dar-lhe.

Discutiram durante muitos dias e, depois de todos terem falado, chegou-se à triste conclusão de que era preciso cortar a árvore.

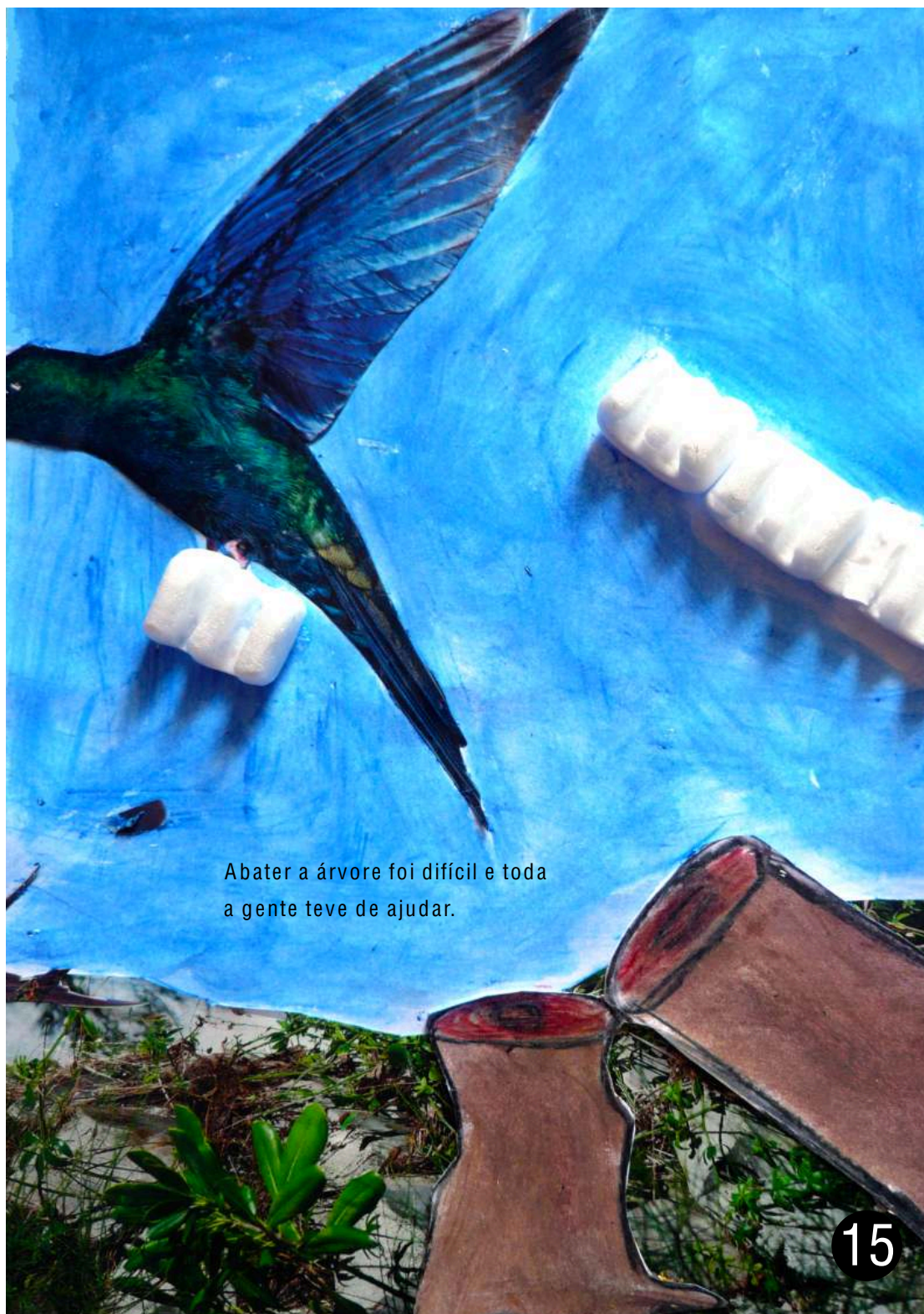
Houve choros, lamentações, gemidos.

A árvore era bela, antiga e venerável. Fazê-la desaparecer era um acto que não só entristecia os habitantes da ilha mas que também os assustava.

Mas não havia outro remédio e quase todos acabaram por concordar com o corte.





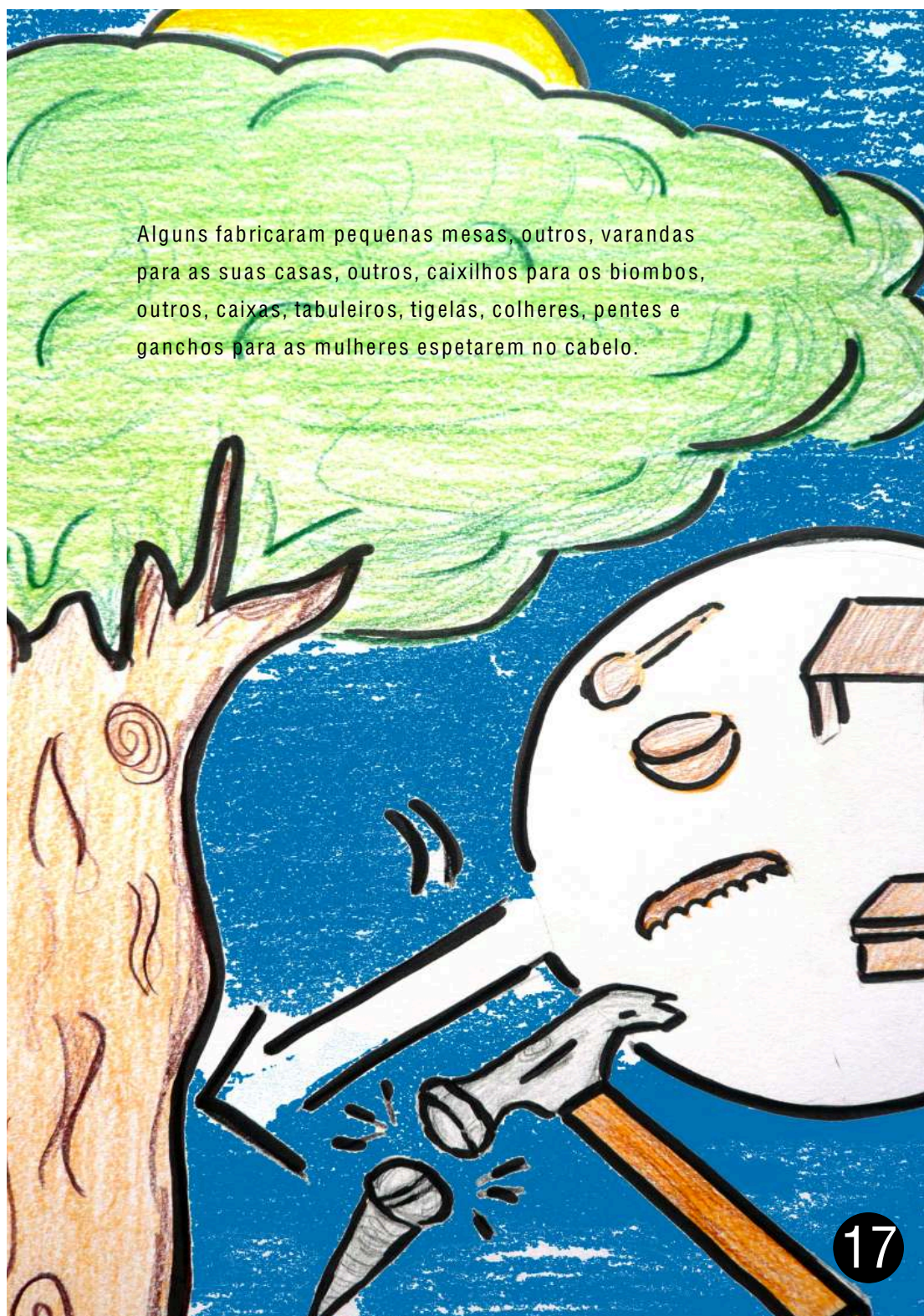


Abater a árvore foi difícil e toda a gente teve de ajudar.

15



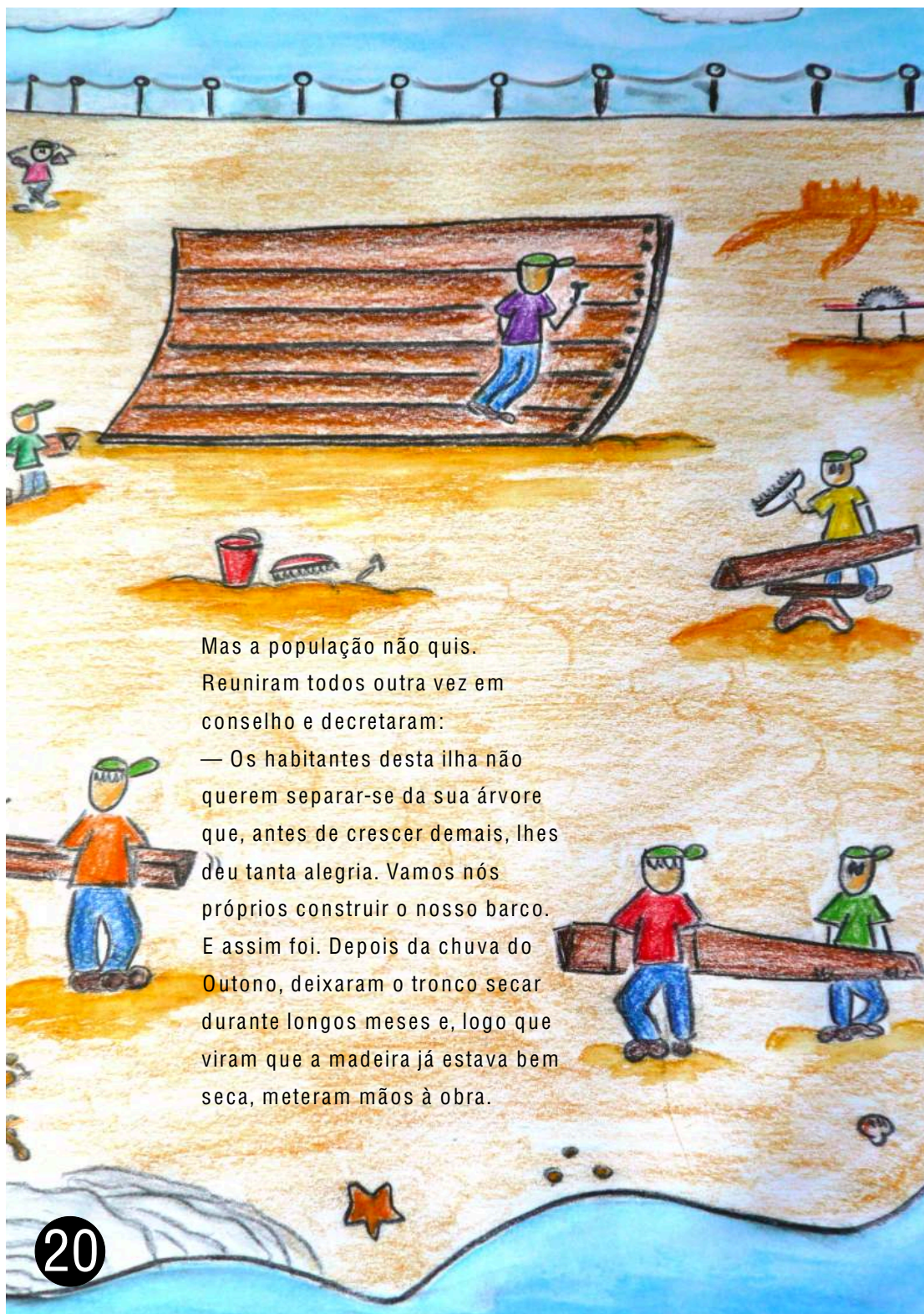
Mas, depois de cortada, ela ocupava tanto espaço que a ilha ficou quase sem lugar para mais nada. Por isso começaram a desfazê-la: primeiro cortaram os ramos e as pernas e a sua madeira foi distribuída entre todos, para que cada um pudesse fabricar alguma coisa que lhe lembrasse a árvore tão amada.





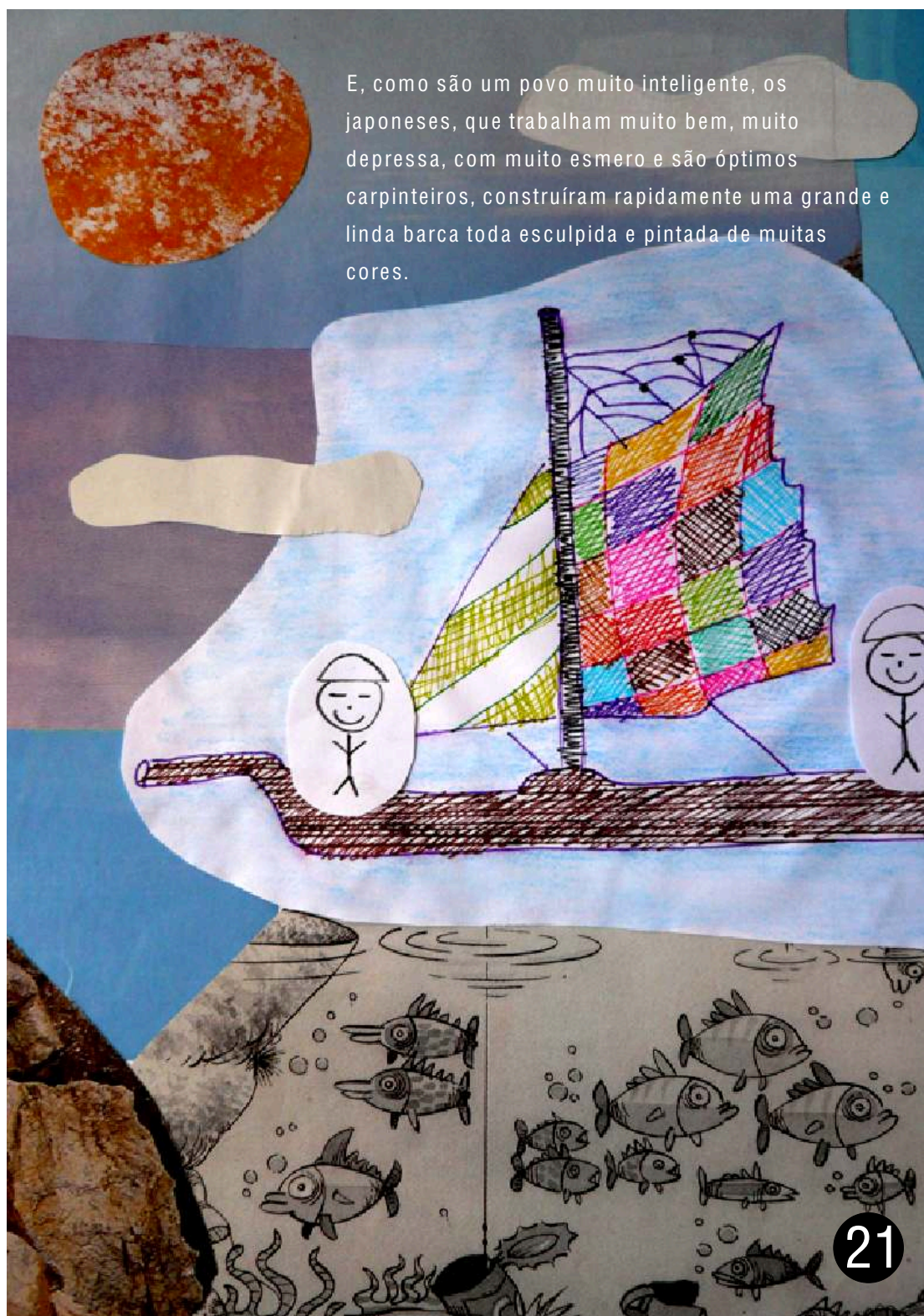
18



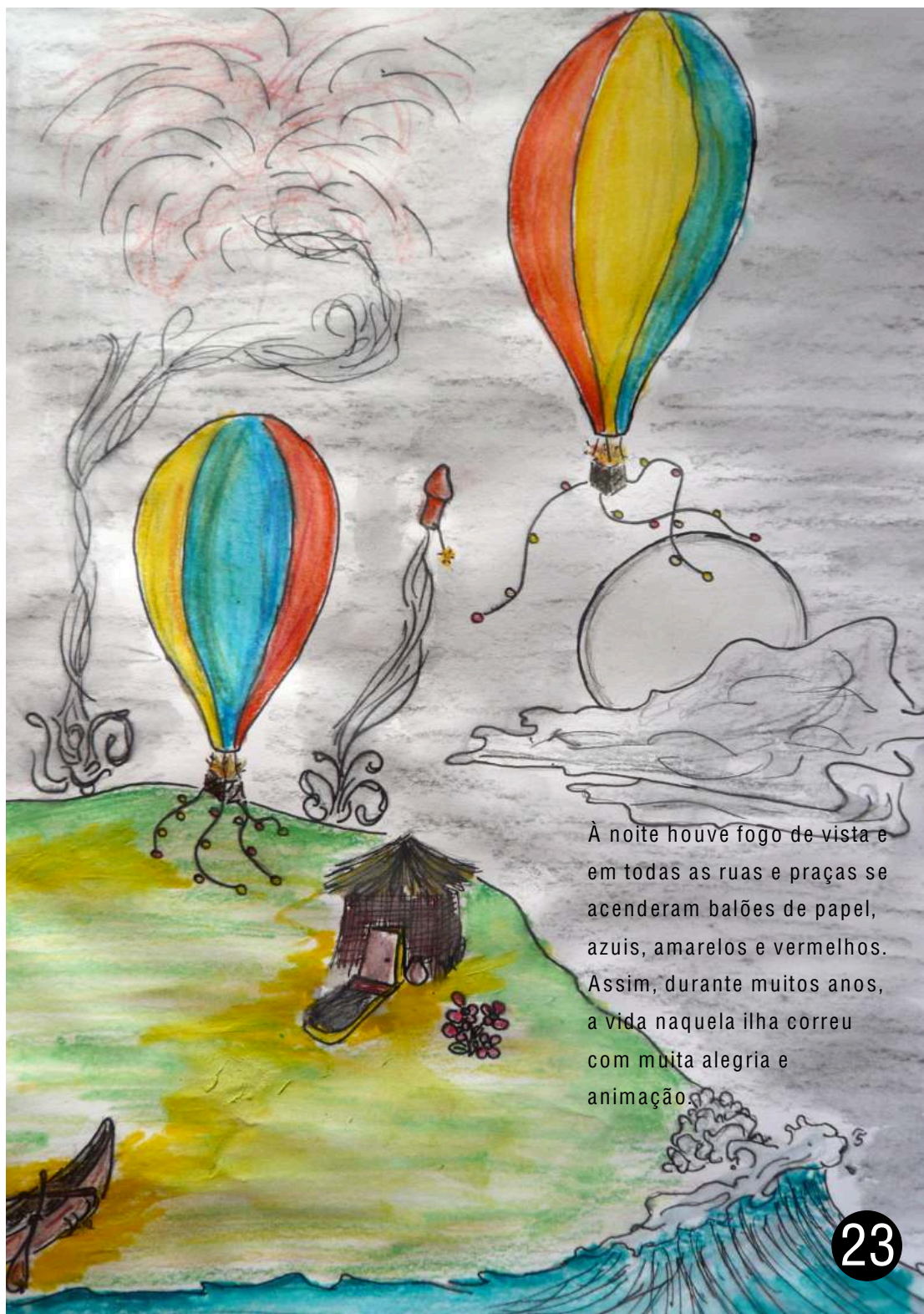


Mas a população não quis.
Reuniram todos outra vez em
conselho e decretaram:

— Os habitantes desta ilha não
querem separar-se da sua árvore
que, antes de crescer demais, lhes
deu tanta alegria. Vamos nós
próprios construir o nosso barco.
E assim foi. Depois da chuva do
Outono, deixaram o tronco secar
durante longos meses e, logo que
viram que a madeira já estava bem
seca, meteram mãos à obra.

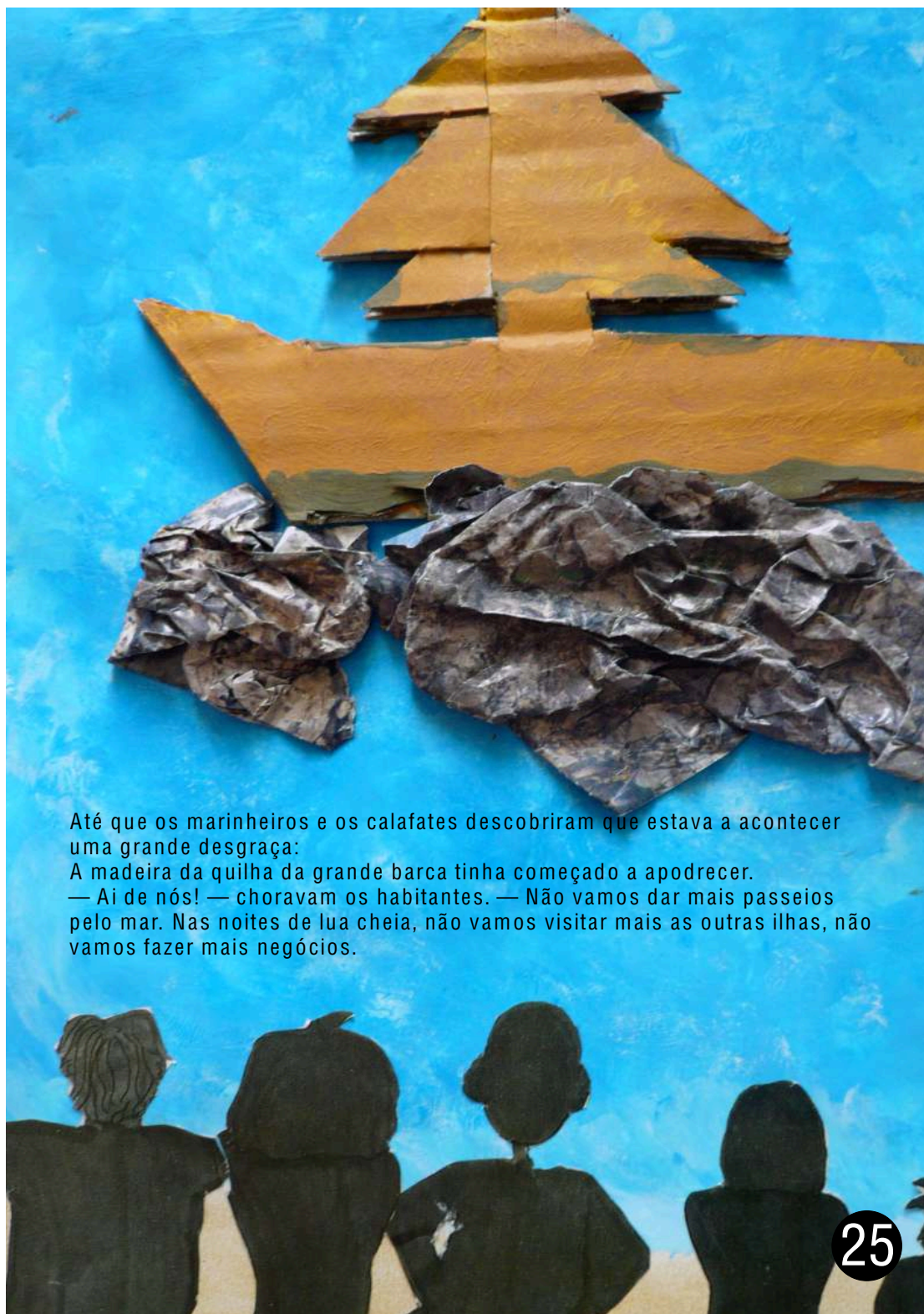






À noite houve fogo de vista e em todas as ruas e praças se acenderam balões de papel, azuis, amarelos e vermelhos. Assim, durante muitos anos, a vida naquela ilha correu com muita alegria e animação.





Até que os marinheiros e os calafates descobriram que estava a acontecer uma grande desgraça:
A madeira da quilha da grande barca tinha começado a apodrecer.
— Ai de nós! — choravam os habitantes. — Não vamos dar mais passeios pelo mar. Nas noites de lua cheia, não vamos visitar mais as outras ilhas, não vamos fazer mais negócios.

Mas os comerciantes sossegaram-nos.

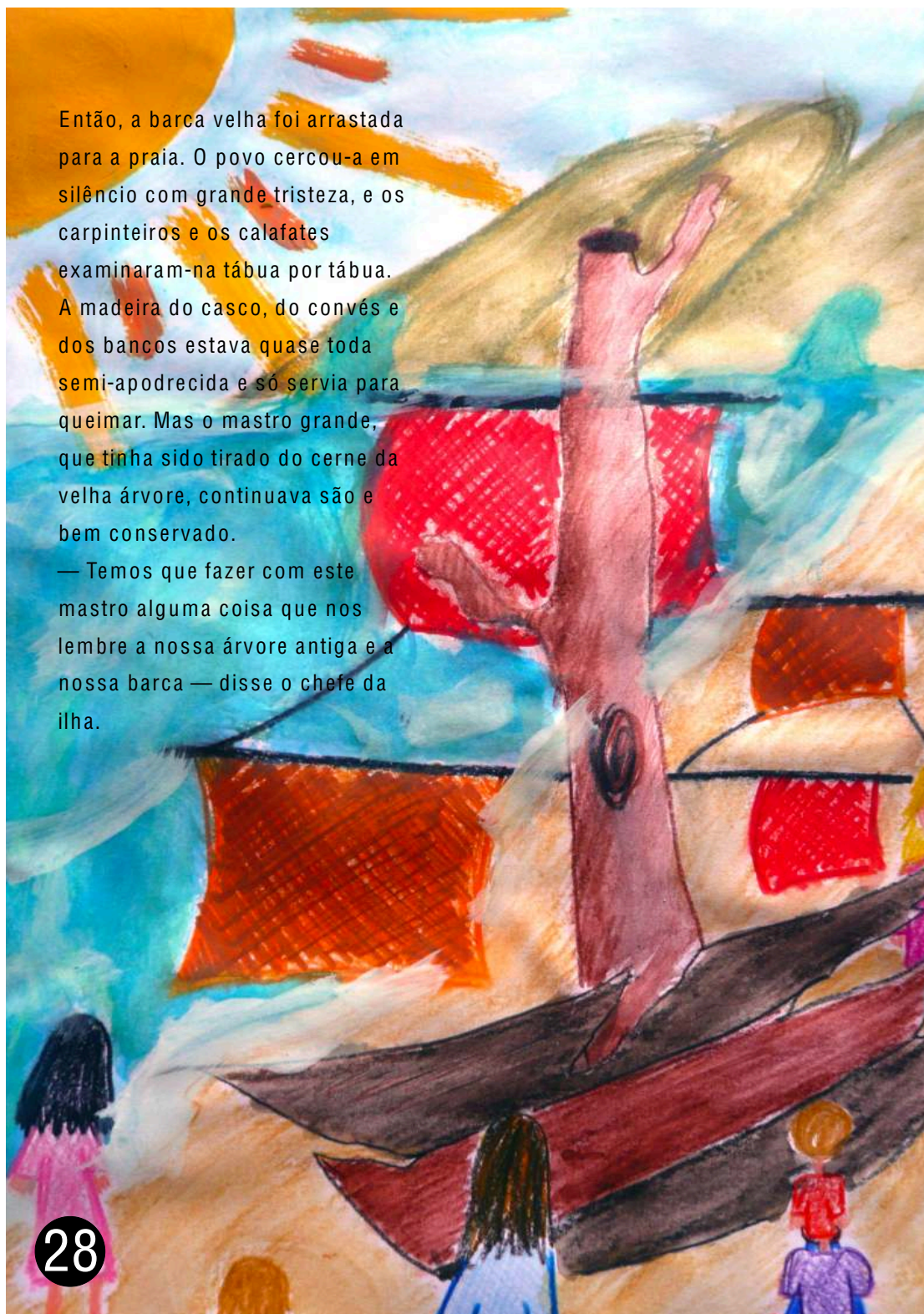
— Durante estes anos — disseram eles — graças à nossa grande barca, andámos a navegar de ilha em ilha, de porto em porto, a comprar e a vender, e fizemos negócios tão bons que juntamos muito dinheiro. Por isso, como aqui não há outra árvore enorme, e as árvores que agora temos fazem muita falta se forem cortadas, estamos dispostos a ir às outras ilhas comprar boa madeira. E todos juntos podemos construir outra grande barca.

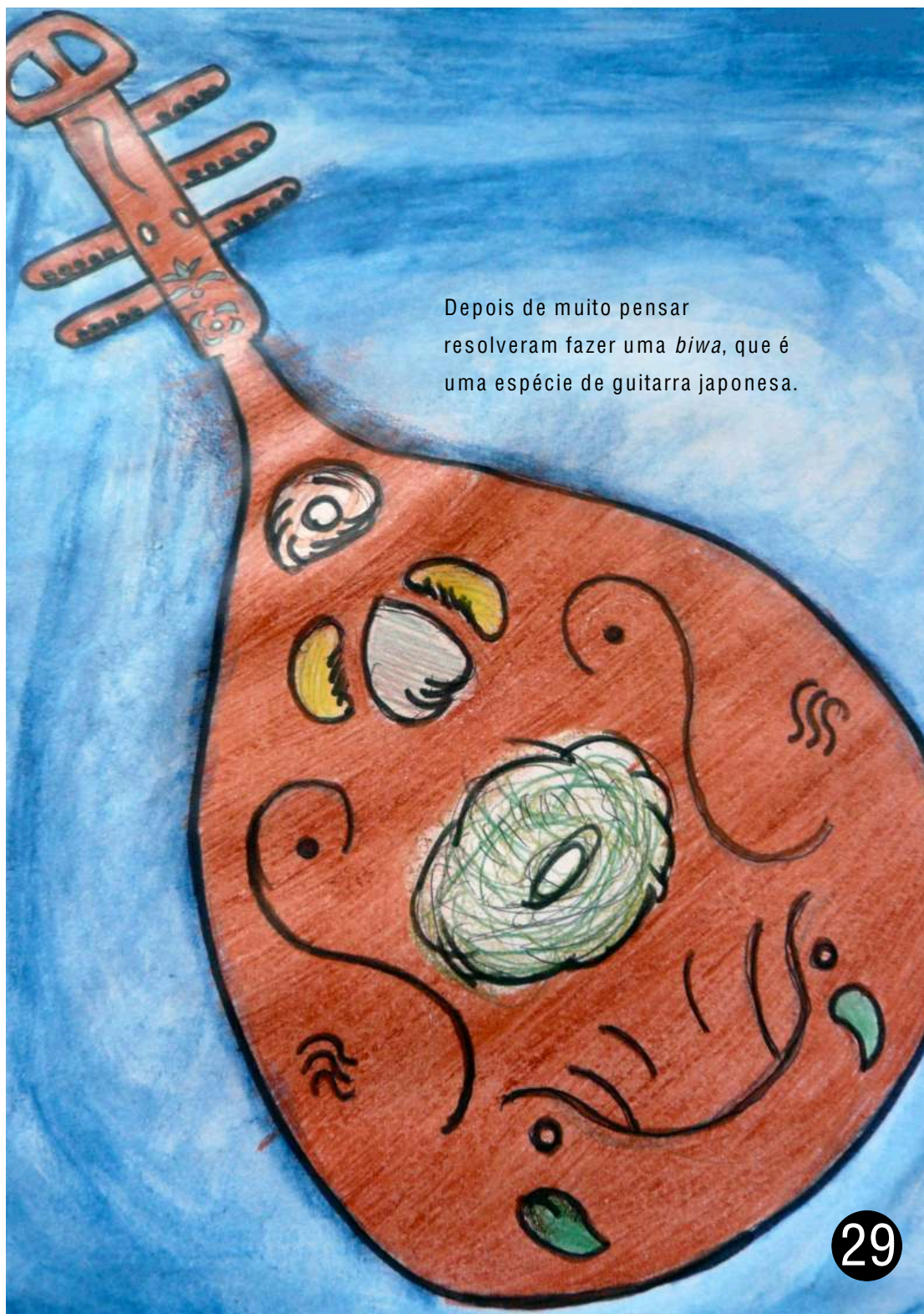


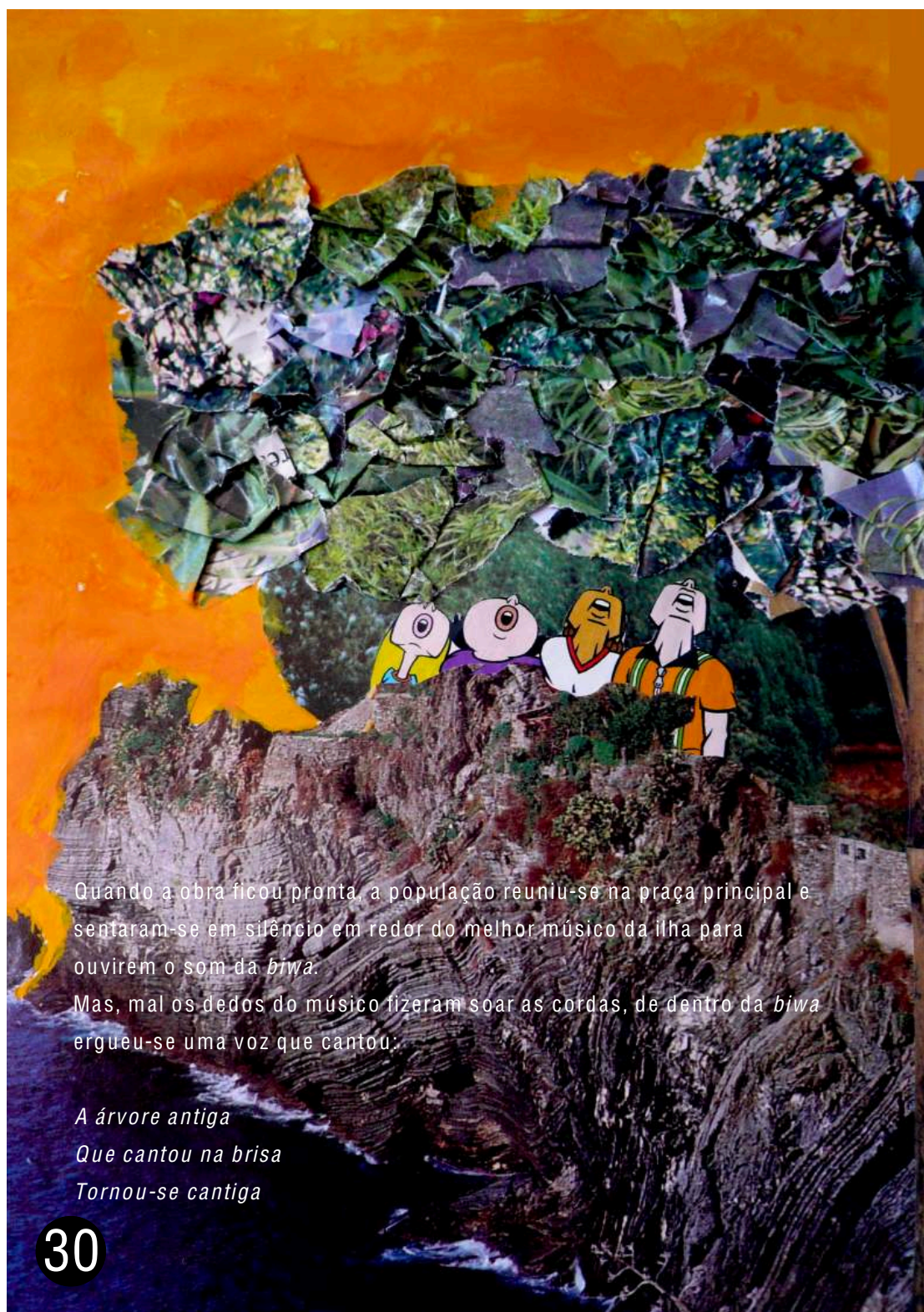


Então, a barca velha foi arrastada para a praia. O povo cercou-a em silêncio com grande tristeza, e os carpinteiros e os calafates examinaram-na táboa por táboa. A madeira do casco, do convés e dos bancos estava quase toda semi-apodrecida e só servia para queimar. Mas o mastro grande, que tinha sido tirado do cerne da velha árvore, continuava são e bem conservado.

— Temos que fazer com este mastro alguma coisa que nos lembre a nossa árvore antiga e a nossa barca — disse o chefe da ilha.







Quando a obra ficou pronta, a população reuniu-se na praça principal e sentaram-se em silêncio em redor do melhor músico da ilha para ouvirem o som da *biwa*.

Mas, mal os dedos do músico fizeram soar as cordas, de dentro da *biwa* ergueu-se uma voz que cantou:

*A árvore antiga
Que cantou na brisa
Tornou-se cantiga*

30



Então, todos compreenderam que a memória da árvore nunca mais se perderia, nunca mais deixaria de os proteger, porque os poemas passam de geração em geração e são fiéis ao seu povo.

31

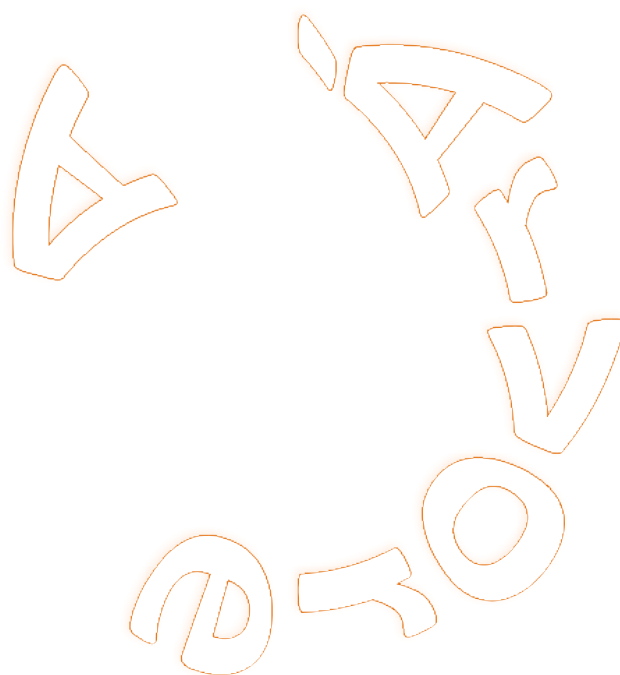


Ilustração da obra

de Sophia de Mello Breyner Andresen

Ano Lectivo 2009-2010

Coordenação: Manuela Alexandra Pereira e João Paulo Trigueiros

Escola Sec/3 Quinta das Palmeiras, Covilhã

Fig. II. 21: Maqueta da ilustração do livro "A Árvore", de Sophia de Mello Breyner Andressen.